

Índice

Primeira Parte: Janeiro de 1976	9
Segunda Parte: Março de 1976	55
Terceira Parte: Junho de 1978	137
Quarta Parte: Janeiro de 1979	183
Notas de Tradução	203

PRIMEIRA PARTE

Janeiro de 1976

Capítulo Um

Nos dias com nuvens, Robert Neville nunca tinha a certeza do momento exato em que o Sol se punha. Por vezes, antes de conseguir voltar para casa, eles já andavam pelas ruas.

Se fosse mais analítico, calcularia a hora aproximada a que costumavam aparecer; mas mantinha o hábito antigo de avaliar a chegada da noite olhando para o céu, método que não resultava em dias nublados. Era por isso que se mantinha perto de casa nessas alturas.

Naquela tarde, deambulou pelas redondezas, adentrando a penumbra cinzenta, cigarro ao canto da boca, um rasto de fumo atrás de si. Verificou se os painéis que tapavam as janelas permaneciam bem fixos. Durante ataques violentos, as pranchas de madeira eram muitas vezes rachadas ao meio ou parcialmente forçadas, e tinha de as substituir completamente, tarefa que detestava. Hoje, apenas uma das pranchas estava meio solta. Incrível, pensou.

No quintal das traseiras, foi averiguar o estado da cisterna e da estufa. A estrutura do depósito podia ter sido danificada ou os reservatórios de água torcidos ou partidos. Às vezes, eles atiravam pedras por cima da vedação alta que rodeava a estufa e essas pedras atravessavam a rede, o que o obrigava a substituir algumas das vidraças.

Tanto a cisterna como a estufa estavam em ordem.

Foi a casa buscar um martelo e pregos. Ao abrir a porta da frente, espreitou o seu reflexo distorcido no espelho cheio de rachas que prendera na porta há cerca de um mês. Nos próximos dias, pedaços cortantes de vidro prateado começariam a cair no chão. Que caíam, pensou. Não fixaria mais nenhum maldito espelho ali; até porque os espelhos não serviam de nada. Mais valia usar alho. O alho era remédio santo, funcionava sempre.

Passou devagarinho pelo silêncio obscuro da sala de estar, virou à esquerda no pequeno corredor, e novamente à esquerda, para dentro do quarto.

Esta divisão já fora confortável e bem decorada, em tempos idos. Agora era um recanto apenas funcional. Uma vez que a cama e a secretária de Neville ocupavam tão pouco espaço, convertera um dos lados do quarto em oficina.

Uma bancada comprida ia quase de uma ponta à outra da sala. Sobre o tampo duro, estavam pousados um torno de madeira, uma serra de fita e uma roda de esmeril. Por cima, presas à parede, prateleiras desarrumadas com as ferramentas que Robert Neville costumava usar.

Pegou num martelo que estava sobre a bancada e tirou alguns pregos de uma das latas que por ali havia. Depois voltou a sair e pregou rapidamente umas tábuas para tapar uma das janelas. Atirou os pregos que sobraram para um monte de entulho.

Durante uns momentos, ficou de pé no relvado da frente, olhando toda a extensão silenciosa de Cimarron Street. Neville era um homem alto, de trinta e seis anos, descendente de uma família com raízes germânicas e inglesas, feições quase banais, à exceção da boca grande, determinada, e do azul intenso dos olhos, que observavam agora as ruínas carbonizadas das casas que rodeavam a sua. Pegara-lhes fogo para impedir que *eles* saltassem de telhado para telhado.

Após uns minutos, respirou fundo e voltou para dentro. Atirou o martelo para o sofá da sala de estar, depois acendeu outro cigarro e preparou uma bebida.

Mais tarde, arrastou-se até à cozinha para dar um jeito no lixo que há cinco dias se ia acumulando no lava-loiças. Sabia que tam-

bém devia queimar os pratos e talheres descartáveis, e limpar o pó à mobília e esfregar os lavatórios e a banheira e a sanita, e mudar os lençóis e a fronha da sua cama; mas não lhe apeteceu.

Porque era um homem e estava sozinho e estas coisas não tinham qualquer importância para ele.

• • •

Era quase meio-dia. Robert Neville estava na estufa a encher um cesto com alhos.

Ao princípio, ficava agoniado com o cheiro de tanto alho, um fedor que lhe dava voltas ao estômago. Agora, o cheiro já invadira a casa, impregnara as roupas, e por vezes parecia-lhe que até a sua própria pele. Já quase não o sentia.

Assim que juntou cabeças de alho em quantidade suficiente, voltou para casa e despejou-as na bancada da cozinha. Ao carregar no interruptor, a luz tremeluziu, antes de assumir o brilho normal. Um silvo de desilusão passou entre os seus dentes cerrados. O gerador estava novamente a vacilar. Lá teria ele de ir buscar o maldito manual e verificar as ligações elétricas. E, se a reparação fosse muito complicada, seria preciso arranjar um novo gerador.

Com gestos bruscos, pegou num banco alto e sentou-se em frente ao lava-loiças, de faca na mão, enquanto soltava um grunhido exausto.

Começou por dar golpes nas cabeças de alho, para lhes retirar os dentes. Depois cortou cada dente, violáceo, ao meio, expondo o seu cerne carnudo. O ar encheu-se de um odor forte, penetrante. Quando se tornou demasiado intenso, ligou o ar condicionado e o efeito de sucção permitiu aligeirar o ambiente.

A seguir, utilizou um picador de gelo que estava numa prateleira. Fez um buraco em cada uma das metades de dente de alho e usou um fio para as unir. Só deu a tarefa por terminada quando obteve vinte e cinco colares.

De início, pendurava os colares nas janelas. Mas eles atiravam pedras lá de longe e ele viu-se obrigado a tapar as vidraças parti-

das com pedaços de contraplacado. Um dia, achou melhor arrancar o contraplacado e pregar tábuas bem alinhadas. A casa foi-se tornando uma espécie de sepulcro sombrio, mas antes disso do que ter pedras a entrar pelas salas adentro no meio de uma saraivada de vidro partido. E, depois de instalar as três unidades de ar condicionado, a verdade é que até nem se estava assim tão mal ali dentro. Um homem consegue habituar-se a tudo, se tiver de ser.

Quando acabou de fazer os colares de dentes de alho, saiu e pregou-os às tábuas que entaipavam as janelas, retirando os colares antigos, que já haviam perdido quase inteiramente o seu potentíssimo cheiro.

Ele tinha de fazer isto duas vezes por semana. Até encontrar um método melhor, era a sua primeira linha de defesa.

Defesa?, pensava ele muitas vezes. Defesa de quê?

Passou a tarde a fazer estacas.

Serrou-as e aplainou-as. Tinham cerca de vinte centímetros de comprimento. Depois afiou-as na pedra de esmeril até ficarem tão aguçadas como punhais.

Era um trabalho monótono e cansativo, e enchia o ar de serradura quente que se colava aos poros da pele e lhe chegava aos pulmões, provocando-lhe ataques de tosse.

E, ainda assim, parecia nunca ter mãos a medir. Por muitas estacas que fizesse, esgotavam-se num instante. Os tocos também eram cada vez mais difíceis de encontrar. Mais tarde ou mais cedo, teria de aplainar pedaços retangulares no torno de madeira. Vai ser divertido, não vai?, pensou, irritado.

Aquilo tudo era muito deprimente e decidiu que teria de encontrar um método melhor para dar cabo deles. Mas como é que poderia encontrá-lo, quando eles nunca lhe davam uma oportunidade para abrandar um pouco e pensar?

Enquanto aguçava a madeira, ouvia música que vinha das colunas que instalara no quarto — a Terceira, a Sétima e a Nona Sinfonias de Beethoven. Agradecia o facto de ter aprendido cedo na vida, com a sua mãe, a apreciar este tipo de música. Ajudou-o a preencher o terrível vazio das horas.

A partir das quatro da tarde, o seu olhar estava sempre a dirigir-se para o relógio na parede. Trabalhava em silêncio, lábios apertados, um cigarro ao canto da boca, olhos fixos no pedaço de madeira enquanto o desbastava, lançando no ar uma poeira fina que ia caindo lentamente no chão.

Quatro e um quarto. Quatro e meia. Cinco menos um quarto.

Uma hora mais tarde, eles estariam novamente à volta da casa, os sacanas nojentos. Assim que desaparecesse o último raio de luz.

• • •

Neville ficou imóvel em frente do gigantesco frigorífico, a escolher o jantar. Os olhos exaustos saltaram entre as pilhas de bifes e os legumes congelados, os pães e os bolos, a fruta e as embalagens de gelado.

Escolheu duas costeletas de borrego, feijão-verde e uma embalagem pequena de sorvete de laranja. Pegou em tudo e fechou a porta do frigorífico com o cotovelo.

Depois foi até junto do monte de latas empilhadas até ao teto. Tirou uma lata de sumo de tomate e saiu da sala que em tempos pertencera a Kathy e que agora pertencia ao seu estômago.

Moveu-se lentamente através da sala de estar, olhando para o mural que cobria uma das paredes. Mostrava a beira de um penhasco, erguido sobre o oceano azul-esverdeado, com as suas ondas revoltas desabando em cima de rochedos negros. Muito alto no céu azul, gaivotas brancas pairavam no vento, e mais para a direita uma árvore de tronco retorcido estava fincada a um passo do precipício, os seus ramos escuros estendendo-se contra o céu.

Neville continuou até à cozinha e largou os mantimentos em cima da mesa, de olhos postos no relógio. Vinte para as seis. Já não falta muito.

Despejou um pouco de água numa pequena panela e pousou-a no fogão, aceso. A seguir, descongelou as costeletas e colocou-as